



24° ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Perspectivas Contemporâneas na Ciência da Informação
• Vitória - ES • Ancib • PPGCI/UFES



XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

DESOBEDIÊNCIA INFORMACIONAL: UMA TEORIA OU UM FENÔMENO APROPRIATIVO?

INFORMATIONAL DISOBEDIENCE: A THEORY OR AN APPROPRIATIVE PHENOMENON?

Walisson da Costa Resende – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Claudio Paixão Anastácio de Paula – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Modalidade: Trabalho Completo

RESUMO: Após o desmantelamento da União Soviética, no início da década de 90, começa a mais grave crise econômica da história de Cuba após a revolução ocorrida nos anos 50. Vítima de um forte embargo econômico internacional, proposto e organizado pelos Estados Unidos, Cuba precisou encontrar formas de sobrevivência como nação em um período que chegou à ser definido pelo governo cubano como “período especial em tempos de paz”, dada a sua extrema peculiaridade. Do ponto de vista social e econômico, uma das soluções de sobrevivência neste assim chamado “período especial” baseou-se na construção de comunidades de prática, que serviam inicialmente para a ressignificação de objetos e conhecimentos. Tal fenômeno chegou a ser denominado inicialmente de “desobediência tecnológica”, mas, agora, com o advento da Internet, em um mundo onde toda a informação mundial tende a estar cada vez mais conectada, se apresenta então com um caráter também mais amplo, que chamaremos de “desobediência informacional” o que, em síntese, estaria baseada na apropriação e posterior ressignificação de conhecimentos e informações. A sugestão de uma proposta para o reconhecimento da “desobediência informacional” como um objeto de estudo para a Ciência da Informação é o tema deste artigo.

Palavras-chave: desobediência informacional; circulação e apropriação informacional; comunidades de prática.

ABSTRACT: After the dismantling of the Soviet Union, in the early 90s, the most serious economic crisis in Cuba's history began following the revolution that occurred in the 50s. Victim of a strong international economic embargo, proposed and organized by the United States, Cuba needed to find ways of surviving as a nation in a period that came to be defined by the Cuban government as a “special period in times of peace”, given its extreme peculiarity. From a social and economic point of view, one of the survival solutions in this so-called “special period” was based on the construction of communities of practice, which initially served to re-signify objects and knowledge. This phenomenon was initially called “technological disobedience”, but now, with the advent of the Internet, in a world where all global information tends to be increasingly connected, it now presents itself with a broader character, which we will call “informational disobedience” which, in short, would be based on the appropriation and subsequent resignification of knowledge and information. The suggestion of a proposal for the recognition of “informational disobedience” as an object of study for Information Science is the theme of this article.

Keywords: informational disobedience; circulation and informational appropriation; communities of practice.

1 INTRODUÇÃO

Os anos 90 foram peculiares para Cuba. A dissolução formal da União Soviética acabaria por acontecer em 1991 e mudaria completamente o modo de vida na ilha então governada por Fidel Castro. Assim começa a mais grave crise econômica da história cubana. Como referência, entre 1991 e 1994, o PIB da ilha caiu 35% (Lamrani, 2023). A indústria local entrou em um processo de retração. Não obstante o embargo econômico ter sido instituído pelos Estados Unidos no início da década de 1960, durante o governo de George H. Bush houve um recrudescimento na política do embargo quando, através da ação do Congresso Americano, no ambiente legislativo, e com o apoio declarado do poder executivo, foi discutida e aprovada a chamada “Lei Torricelli”, que tornava o embargo ainda mais intenso do que nos anos anteriores

Essa lei conferiu às sanções um caráter extraterritorial, o que é proibido pelo direito internacional (a priori, a lei francesa não se aplica na Alemanha!). Desde 1992, qualquer navio estrangeiro – seja qual for sua procedência – que ancore em porto cubano fica proibido de entrar nos Estados Unidos por seis meses. Em outras palavras: as companhias de navegação que operam na região devem escolher entre negociar com Cuba ou com os Estados Unidos. Em geral, o dilema é rapidamente resolvido... Resultado: a ilha, que depende por definição do transporte marítimo, tem de pagar um preço muito superior ao do mercado para convencer os transportadores internacionais a aportar ali. A Lei Torricelli também impõe sanções a qualquer país que forneça assistência a Cuba: se o México concede, por exemplo, uma ajuda de US\$ 100 milhões a Havana, Washington abate essa mesma quantia de sua ajuda ao México. (Lamrani, 2023, [n.p]).

Em razão da intensidade do embargo econômico imposto pelos Estados Unidos à Cuba durante todas essas décadas, o governo cubano foi obrigado a encontrar formas para fazer o país sobreviver economicamente e tecnologicamente. Durante as décadas de 1960, 1970 e 1980 isso foi possível através do reforço nas relações estratégicas e econômicas com a União Soviética. No entanto, esse ajuste só se tornou possível a partir da instauração de uma política de padronização tecnológica e de consumo na ilha

Todos os cubanos conheceram apenas um tipo de geladeira (Minsk), dois tipos de TV (Caribe e Krim), um único ventilador (Orbita) e duas gerações de apenas uma máquina de lavar (Aurika). Sete tipos de embalagens

sustentavam o intercâmbio econômico com a Europa comunista. Enviavam-se mamões em troca de peras com a Bulgária. A mesma garrafa que era utilizada para o armazenamento da vodka russa também era a garrafa do rum cubano. (Oroza, 2012, [n.p]).

Com o colapso da União Soviética, o regime econômico cubano encaminhou-se para uma condição onde se previa, em poucos anos, uma situação de caos econômico e social. O governo cubano tinha percepção deste problema, e iniciou um planejamento para enfrentá-lo, encarando os anos potencialmente difíceis que viriam como o que foi chamado de “período especial em tempos de paz”. A partir destas condições extremas, novas formas de pensar a relação com os materiais, com os objetos e com as técnicas de produção de bens começaram a emergir nas práticas cotidianas. A sociedade cubana precisou se reinventar, e no campo informacional, esta reinvenção se deu a partir da adoção de uma política de máximo compartilhamento informacional possível.

Um dos primeiros pesquisadores à perceber este fenômeno foi Ernesto Oroza, hoje professor do Departamento de Pós-Graduação em Design e Pesquisa na Escola de Arte e Design de Saint-Étienne, ao sul de Lyon, na França. Ernesto Oroza nasceu e estudou Design em Havana e, em 1996, começou a coletar e exibir, de forma artística, os produtos de inventividade e criatividade cubanas para lidar com o ambiente de escassez econômica que o país atravessava. Neste processo ele cunhou o termo “desobediência tecnológica” (Motherboard, 2013), para representar as várias práticas de inventividade, reaproveitamento e inovação utilizadas pelos cubanos no sentido de garantir tudo que precisavam para sobreviver.

A “desobediência tecnológica”, fruto de uma condição de sobrevivência econômica única e cunhada inicialmente nas áreas de design e de produtos, acabará gerando também uma nova “desobediência informacional”, também como forma de sobrevivência, mas próxima de uma nova forma de mediação e apropriação do conhecimento, uma forma que tornasse possível devolver a normalidade nos aspectos informacionais presentes na sociedade cubana.

Recorte de uma tese de doutorado em andamento, o presente artigo tem então como principal questão de trabalho investigar se o conceito de "desobediência informacional" pode ser reconhecido como um objeto de estudo dentro da Ciência da Informação (CI). Partindo desta questão nuclear, o artigo explora as práticas de apropriação e ressignificação de informações e conhecimentos, destacando a relevância dessas práticas

no contexto cubano durante o "período especial" e relacionando-as ao fenômeno da "desobediência tecnológica" e às comunidades de prática informacional.

Conseqüentemente, o objetivo do artigo é propor o reconhecimento da "desobediência informacional" como um conceito relevante para a Ciência da Informação. Essa proposta busca não apenas explorar o fenômeno histórica e teoricamente, mas também sugerir uma metodologia para estudo do tema no campo da CI, considerando a relação entre a experiência cubana e as práticas emergentes na cultura digital. Para que isso seja possível, o trabalho seguirá uma estrutura bem definida.

Começa com esta introdução, onde se apresenta o contexto histórico e econômico de Cuba na década de 1990 e o surgimento da "desobediência tecnológica".

Segue-se uma sessão de desenvolvimento, dividida em subseções que discutem a "desobediência tecnológica", o movimento "*do it yourself*" (faça você mesmo) e as "comunidades de prática", explorando como esses fenômenos influenciaram a circulação e apropriação de informações.

Por último, apresenta uma conclusão onde se sugere uma metodologia para investigar a "desobediência informacional" a partir da utilização de estudos de caso múltiplos relacionados ao compartilhamento de informações em diferentes contextos.

2 DESENVOLVIMENTO

Mesmo depois de movimentos como "desobediência tecnológica", reapropriação de informação, reuso de objetos e conhecimentos, ressignificação de ideias, compartilhamento de informações e comunidades de prática estarem formalmente definidos, esse exercício de definição ainda não estendeu de forma suficientemente abrangente à noção de "desobediência informacional" a ponto de caracterizá-lo como um construto pertencente e cientificamente relevante dentro do estudo da Ciência da Informação (CI).

Para que isso seja possível, a existência e a tipificação do movimento de "desobediência informacional" de forma pertencente à Ciência da Informação, tanto no nível histórico quanto no nível prático, precisa ser feita concomitantemente à sugestão de uma abordagem metodológica que permita alcançar esse objetivo através da análise da sobreposição histórica e conjuntural de três fenômenos: a experiência cubana de "desobediência tecnológica"; as práticas de "DIY" ("*do it yourself*", ou faça você mesmo) e as

características da cultura digital surgida com a Internet e suas correlações com as comunidades de prática tradicionais, apresentados na sequência.

2.1 Desobediência tecnológica

A questão do reparo, reaproveitamento ou ressignificação de um determinado objeto se modifica quando se quebram as concepções de uso tradicionais para aquele objeto, ou seja, quando o mesmo objeto, desenvolvido e criado para um determinado fim, perde seu caráter divino e imutável e pode ser reutilizado ou readaptado, bastando apenas de uma boa dose de inventividade e compartilhamento de informações. A relação com a “divindade” do objeto construída, por exemplo, nos interações com o *smartphone* modelo “*Iphone*” é bem interessante

O “*Iphone*” parece um Deus. Você não pode atravessá-lo num olhar. Não há onde abri-lo. A verdade é que todos os “*Iphones*” são iguais, mas eles manejam de uma forma para que em dois anos algumas coisas já não funcionem mais e você tenha que comprar outro. É tudo uma grande mentira. Mas há poucas possibilidades reais de você não participar dela. (Oroza, 2015, [n.p]).

A ideia de desobediência tecnológica foi formulada em um contexto empírico exterior (ou tangencial) ao capitalismo e por um designer também formado fora deste sistema. Esta formulação não só surge nas bordas do capitalismo, mas em um período e local em que o capitalismo mobiliza suas forças para segregação final de ideias alternativas a ele. Uma destas forças mais importantes, no caso cubano, e que influenciou diretamente o modo como a população interagia com os objetos, foi a publicação do “*Libro de la familia*” (República de Cuba/Fuerzas Armadas Revolucionárias, 1991). Esta publicação era uma espécie de grande compilação de artigos científicos e técnicos dirigidos a não especialistas com intuito de disseminação dos mais diferentes tipos de conhecimento, desde técnicas culinárias, passando por sobrevivência na selva e produção de artefatos de defesa utilizando os materiais fornecidos pelo ambiente, até princípios de engenharia elétrica e mecânica, por exemplo.

Poucos anos após esta publicação surgiu uma segunda, na qual foram apresentadas as experiências proporcionadas pela primeira publicação e acrescentadas novas informações sobre as mais variadas técnicas, desde a produção agrícola até a produção de material para educação esportiva. Esta segunda publicação foi intitulada “*Con*

nuestros propios esfuerzos: algunas experiencias para enfrentar el período especial en tiempo de paz” (República de Cuba/Fuerzas Armadas Revolucionárias, 1992). Ao refletir a partir desses antecedentes, Oroza descreve as atitudes necessárias para a realização efetiva das práticas de desobediência. Estas práticas são: reparação, refuncionalização e reinvenção (Oroza, 2015). A reparação é o processo pelo qual se intervém a fim de que os objetos conservem suas funções originais. Assim, a reparação é a ação que devolve parcial ou totalmente as características, sejam elas técnicas, estruturais, de uso, de funcionamento ou estéticas, e que foram também perdidas parcial ou totalmente, por algum motivo. Essa prática estabelece um novo modo de relação com o objeto, uma relação que supera o simples uso. Ocorre aqui uma simetria da relação, ou seja, há um reequilíbrio da relação objeto-usuário por meio da intervenção técnica. A refuncionalização é o processo pelo qual um agente se vale das características (matéria, forma, função) de um objeto avariado ou obsoleto a fim de que ele atue de uma nova forma em seu contexto original ou em um novo contexto. Portanto, é um processo operacional que produz uma metamorfose tanto no objeto quanto no contexto ao qual ele era destinado. Já a reinvenção é o ato de desobediência, por excelência, aos padrões técnicos propostos pela produção industrial. É o processo pelo qual se cria um objeto novo a partir dos componentes e sistemas de objetos descartados. Tomam-se os materiais, formas, funções e sistemas operativos como ponto de partida para a criação do novo, isto é, por meio da imaginação são recriados os princípios técnicos pré-existentes materializando-os em novos objetos ou técnicas. Estes três modos de intervenção técnica (a reparação, a refuncionalização e a reinvenção) podem ser considerados “saltos imaginativos” (Oroza, 2015), e postos em oposição aos modos de uso do conceito de inovação feitos em favor das lógicas comerciais estabelecidas. Os saltos imaginativos, ao contrário, incentivam as atitudes criativas por parte dos usuários. Estes saltos imaginativos também se dão através do ambiente similar e cooperativo em que todos habitavam

Convivendo com os mesmos produtos domésticos, os cubanos encontraram caminhos comuns para reinventá-los, misturando peças de produtos distintos, como ao adaptar o motor de uma lavadora a uma bicicleta para transformá-la numa moto. Reparo, reconstrução ou invenção podiam ser partilhados por todos porque todos tinham acesso aos mesmos tipos de equipamentos, das mesmas e escassas marcas. (Oroza, 2015, [n.p]).

**XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024**

Oroza estudou a fundo a relação de escassez com a produção de objetos incomuns pelos cubanos e definiu, em 2010, uma certa característica ao processo

De tanto abrir corpos o cirurgião insensibiliza-se com a estética da ferida, com o sangue e com a morte. E esta é a primeira expressão de desobediência dos cubanos em sua relação com os objetos: um desrespeito crescente pela identidade do produto, bem como pela verdade e pela autoridade que essa identidade impõe. De tanto abri-los, repará-los, fragmentá-los e usá-los à sua conveniência, terminaram desfazendo-se dos signos que tornam os objetos ocidentais uma unidade fechada. (Oroza, 2012, [n.p]).

Pode ser que estes modos de ação nunca venham a ter um espaço no pensamento projetivo estabelecido além do uso que vem sendo feito por meio do que é comumente chamado de “uso capturado”. No entanto, seu valor se dá pelas possibilidades que abrem de subversão dos padrões estabelecidos, e possibilidades que não são puramente críticas, mas propositivas, pois indicam novas formas de olhar e pensar as relações com os objetos, o mercado, a indústria e a circulação do conhecimento. Muito da potência imaginativa da desobediência tecnológica advém de duas ações: uma, efetuada pelos próprios usuários e ligada ao processo revolucionário por qual Cuba passou, é a acumulação. A outra foi uma política industrial baseada na standardização.

A população cubana desenvolveu paulatinamente o hábito de acumular os objetos, mesmo os estragados, para possíveis necessidades futuras. Este hábito constitui a base material da imaginação técnica dos cubanos. É um hábito particularmente interessante pois influencia na concepção prática de que todo e qualquer objeto pode ser reparado, reutilizado ou re combinado com outros objetos em seu contexto de origem ou em qualquer outro contexto diferente.

Não só isso, este simples hábito, retira o objeto industrial capitalista de seu ciclo econômico delimitado pelas diversas manifestações da obsolescência programada, desta forma acaba reintroduzindo-o em uma nova temporalidade ao mesmo tempo em que produz esta temporalidade alternativa a da produção capitalista. Esta reorganização da noção temporal dos objetos por si só já configura um ato de desobediência significativo diante da dimensão normativa de tempo proposta pela produção industrial que visa o lucro.

A desobediência tecnológica, portanto, não é uma simples negação e transgressão de uma pretendida autoridade de “*copyright*”, mas uma bem-sucedida estratégia de

sobrevivência. Apesar de Oroza tratar o fenômeno como um viés relativo ao produto (sua principal linha de pesquisa baseava-se na temática do design de objetos, que é sua área de formação principal), em uma perspectiva mais abrangente, com pontos de vista mais amplos, podemos fazer uma correlação com conceitos inerentes à Ciência da Informação e defender a ideia de que o núcleo principal não é baseado apenas nos produtos, mas na adoção de comunidades de práticas informacionais específicas para aquele momento e lugar.

2.2 Do it yourself (faça você mesmo)

O “do it yourself”, ou “faça você mesmo”, também conhecido pelo acrônimo “DIY”, é tão antigo como a capacidade do ser humano de modificar o ambiente à sua volta. Os primeiros grupos de “DIY” da era moderna surgiram no início do século XX, em comunidades de radioamadores. Uma segunda onda do “DIY” se deu nas décadas de 1960 a 1990, através de publicações de revistas específicas, notadamente a revista “Popular Mechanics”, que promovia soluções “DIY” para os mais variados problemas de sua época. Com a popularização da microeletrônica, surgimento e consolidação da Internet surgiram os primeiros movimentos de especialistas, como os “hackers” e os “crackers”, compostos por indivíduos que não se sentiam satisfeitos com o uso previsto e recomendado para determinado produto, informação ou tecnologia e que, através do uso de informações e técnicas informais, sejam descobertas ou apropriadas, modificaram suas funcionalidades de formas diferentes daquelas que foram originalmente pensadas pela sua entidade criadora.

Estes movimentos ganham força através da união, do compartilhamento e da troca de informações. Assim, tanto este movimento quanto a questão mais ampla do “DIY”, no contexto contemporâneo, atuam como agentes democratizantes, na medida em que oferecem às pessoas independência da ajuda estritamente profissional, ou seja, permitem que as pessoas não somente realizem o reparo ou customização dos seus bens mas, com o conhecimento necessário, também possa ressignificar estes bens.

Outro conceito extremamente interessante é a ideia de “bits versus átomos”. Essa ideia, inicialmente proposta por pesquisadores do MIT Media Lab considera que está diminuindo cada vez mais a distância entre as ciências da computação e informação das ciências físicas. A tecnologia tornou possível descrever toda a informação contida e

necessária para o desenvolvimento de um determinado produto em um substrato facilmente acessível. Sobre isso alguns autores passaram a identificar este momento histórico como único, pois permite a existência de uma correlação também única entre computação, informação e o próprio ambiente físico

Estamos em um momento decisivo da história da humanidade porque a informação e o conhecimento estão se tornando a principal força produtiva, assim como o petróleo, o vapor e a eletricidade foram as principais forças produtivas para as duas revoluções industriais. Estamos baseando nossa economia em um bem abundante e inesgotável, cujo custo de produção tende a zero por ser um bem não rival, ou seja, um bem cujo consumo por parte de uma pessoa não diminui a sua disponibilidade para outras. Uma vez que este bem é produzido, não é preciso investir mais recursos sociais para satisfazer a um novo consumidor, como acontece com os bens rivais como uma maçã, por exemplo. (Cabeza; Moura, 2015, [n.p]).

Este bem abundante e inesgotável é a informação. Isso explica o interesse das grandes corporações em criar uma escassez artificial na informação, por meio das leis de propriedade intelectual. Com os argumentos de que a informação criada tem “*copyright*” e valor único, restringe-se o acesso à mesma, de forma que o consumidor fica refém das tecnologias apenas oficialmente disponibilizadas.

2.3 Comunidades de prática

O conceito de comunidades de práticas (CoPs) trabalhado por Etienne Wenger e Jean Lave na década de 1990, busca designar o aprendizado que se faz através do compartilhamento de práticas de trabalhos (Wenger, 1998). Essas comunidades provavelmente já se constituem como grupos identificáveis há bastante tempo, mas foi somente depois da proposta de um modelo informacional e organizacional (Lave, 1991) que os processos envolvidos puderam ser descritos, elencados e determinados

As pessoas que tem uma tarefa em comum, na medida em que passam tempo juntas, tipicamente compartilham informação, insight e aconselhamento. Elas se ajudam mutuamente a resolver problemas. Elas discutem situações, suas aspirações e necessidades, ponderam sobre assuntos comuns, exploram ideias e funcionam como uma caixa de ressonância. Elas podem criar ferramentas, padrões, desenhos genéricos, manuais e outros documentos – ou podem simplesmente desenvolver uma compreensão tácita que compartilham... Com o passar do tempo, elas desenvolvem uma perspectiva única sobre seu tópico bem como um corpo de conhecimento, práticas e abordagens comuns. Também desenvolvem relações pessoais e estabelecem maneiras de interagir. Elas até

desenvolvem um senso de identidade comum. Elas se transformam em uma comunidade de prática. (Gropp, 2007, p. 28).

A proposta de Wenger e Lave é baseada em um modelo de aquisição de conhecimento de matriz social, onde as pessoas podem participar do aprendizado comum em diferentes níveis, variando conforme sua autoridade ou tempo de permanência naquele grupo (Lave, 1993). Toda comunidade de práticas apresenta um conjunto de elementos em comum que a definem como uma CoP. O primeiro elemento é um domínio de interesses compartilhados. Ele tem como base a afirmação de seus propósitos e valores para os membros daquela comunidade. O domínio ajuda, portanto, a definir a identidade dos membros. Ele define também competências que distinguem estes membros de outras pessoas.

O segundo elemento é a comunidade, ou seja, os membros e seus respectivos relacionamentos. Ao buscarem seus interesses, os membros desenvolvem atividades e discussões em conjunto, estabelecendo relacionamentos que permitem a eles aprenderem uns com os outros. As interações entre os membros são, portanto, os fatores essenciais para torná-los uma comunidade.

O terceiro elemento é uma prática compartilhada pela comunidade. A prática é representada através de um conjunto de esquemas de trabalho, de ideias, de informações, estilos, linguagens, histórias e documentos que são partilhadas pelos membros da comunidade. A prática, desse modo, é o conhecimento específico que a comunidade desenvolve, partilha e mantém (Lave; Wenger, 1991).

3 À GUIA DE CONCLUSÃO, A SUGESTÃO DE UMA METODOLOGIA

Uma proposta de metodologia que objetive criar condições para o reconhecimento da “desobediência informacional” como objeto de estudo da Ciência da Informação exige estabelecer, dentre as opções metodológicas de pesquisa qualitativa e estudos de caso disponíveis, a partir de quais bases empíricas este conceito seria definido.

Assim, considerada a conjuntura descrita, propõe-se fazer isso através de um estudo explanatório – cujo objetivo vai além da descrição ou exploração, buscando explicações voltadas à produção de resultados generalizáveis a outras realidades – de casos múltiplos incorporados, combinado com uma estratégia de pesquisa histórica (Yin, 2001).

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

No que diz respeito à pesquisa histórica, é importante destacar a necessidade de se determinarem os pontos fortes e pontos fracos das fontes de evidências. Critérios para executar essa discriminação podem ser encontrados na própria codificação de Robert Yin sobre o estudo de fontes de evidências (Quadro 1)

Quadro 1 – Fontes de evidências: seis pontos fortes e pontos fracos

FONTE DE EVIDÊNCIAS	PONTOS FORTES	PONTOS FRAGOS
Documentação	<ul style="list-style-type: none"> • estável – pode ser revisada inúmeras vezes • discreta – não foi criada como resultado do estudo de caso • exata – contém nomes, referências e detalhes exatos de um evento • ampla cobertura – longo espaço de tempo, muitos eventos e muitos ambientes distintos 	<ul style="list-style-type: none"> • capacidade de recuperação – pode ser baixa • seletividade tendenciosa, se a coleta não estiver completa • relato de visões tendenciosas – reflete as idéias preconcebidas (desconhecidas) do autor • acesso – pode ser deliberadamente negado
Registros em arquivos	<ul style="list-style-type: none"> • [Os mesmos mencionados para documentação] • precisos e quantitativos 	<ul style="list-style-type: none"> • [Os mesmos mencionados para documentação] • acessibilidade aos locais graças a razões particulares
Entrevistas	<ul style="list-style-type: none"> • direcionadas – enfocam diretamente o tópico do estudo de caso • perceptivas – fornecem inferências causais percebidas 	<ul style="list-style-type: none"> • visão tendenciosa devido a questões mal-elaboradas • respostas tendenciosas • ocorrem imprecisões devido à memória fraca do entrevistado • reflexibilidade – o entrevistado dá ao entrevistador o que ele quer ouvir
Observações diretas	<ul style="list-style-type: none"> • realidade – tratam de acontecimentos em tempo real • contextuais – tratam do contexto do evento 	<ul style="list-style-type: none"> • consomem muito tempo • seletividade – salvo ampla cobertura • reflexibilidade – o acontecimento pode ocorrer de forma diferenciada porque está sendo observado • custo – horas necessárias pelos observadores humanos
Observação participante	<ul style="list-style-type: none"> • [Os mesmos mencionados para observação direta] • perceptiva em relação a comportamentos e razões interpessoais 	<ul style="list-style-type: none"> • [Os mesmos mencionados para observação direta] • visão tendenciosa devido à manipulação dos eventos por parte do pesquisador
Artefatos físicos	<ul style="list-style-type: none"> • capacidade de percepção em relação a aspectos culturais • capacidade de percepção em relação a operações técnicas 	<ul style="list-style-type: none"> • seletividade • disponibilidade

No nosso caso específico, sugere-se a escolha de pelo menos três situações de compartilhamento de informações distintas e classificadas da seguinte forma: situações de compartilhamento cognitivo, situações de compartilhamento competitivo e situações de compartilhamento de sobrevivência. Cada situação corresponderia a um estudo de caso, explicado individualmente, mas comparado com os outros, buscando identificar seus pontos em comum e suas peculiaridades. Sugere-se, a partir daí, que os resultados obtidos em cada caso possam servir como agentes balizadores para a compreensão do conjunto final que, por sua vez, irá demonstrar o fio condutor informacional único (Yin, 2016).

Indica-se, conforme apontado no início deste trabalho, que os três casos emblemáticos descritos ao longo dele componham essa base: (1) o compartilhamento de informações como estratégia de sobrevivência material e econômica em Cuba a partir dos anos 90, com o nascimento da ideia de “desobediência tecnológica”; (2) o compartilhamento de informações na criação de novos ambientes de trabalho, de produtos e de práticas competitivas, através da formação de comunidades de “DIY” (do inglês “do it yourself”, ou “faça você mesmo”); e (3) o surgimento de uma cultura “hacker” de compartilhamento de informações baseada no intenso uso de fóruns de discussão em ambiente virtual, criado e alimentado com o advento da Internet em larga escala.

A partir desse exercício empírico, torna-se possível fazer uma análise da sobreposição histórica e conjuntural de três fenômenos distintos, já definidos, para, finalmente, retomar o propósito de reconhecimento da existência concreta de um movimento de “desobediência informacional”, desenvolvendo-o conceitualmente a partir da noção de “desobediência tecnológica” e dando início ao que pode vir a se tornar um movimento de estudos acadêmicos ainda inéditos.

Neste momento da pesquisa o que se pode afirmar é que aquilo que é denominado aqui “desobediência informacional” é um fenômeno efetivamente existente, identificável, inédito e único em suas características básicas, características estas que o tornariam pertencente aos estudos da Ciência da Informação, tanto no que diz respeito aos seus processos históricos de construção quanto no nível prático.

Acredita-se contudo que, ao final da pesquisa, seja possível evidenciar com clareza o contexto informacional da correlação do conceito já descrito como “desobediência tecnológica” para um novo conceito, o da “desobediência informacional”, através da apropriação e da resignificação de objetos e conhecimentos.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

Finalmente, espera-se, a partir desse exercício, conseguir delinear com mais clareza o fenômeno da desobediência informacional como um conceito operacional, definido a partir de indicadores empírico-analíticos, como um fenômeno que também é pertencente aos campos de interesse e de estudos que possam ser efetuados dentro da Ciência da Informação.

REFERÊNCIAS

CABEZA, E. U. R; MOURA, M. **O DIY vive!** São Carlos, n. 10, 2015. Disponível em <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus10/?sec=4&item=8&lang=pt>>. Acesso em 14/05/23.

Cuba's DIY inventions from 30 years of isolation. Havana: Motherboard, 2013. 1 vídeo (8 min). Publicado pelo canal Motherboard. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v-XS4aueDUg>. Acesso em: 24 abr. 2024.

GROPP, B. M. C. **Comunidades de Prática: Gestão do Conhecimento nas Empresas**. São Paulo: Trevisan, 2007.

LAMRANI, S. **Cuba: Les médias face au défi de l'impartialité**. Le Monde Brasil Diplomatique, Paris, França, edição 194 de setembro de 2023. Disponível em <<https://diplomatie.org.br/o-embargo-mais-longo-da-historia>>. Acesso em 20/05/2024.

LAVE, J. **Situated learning in communities of practice**. In: RESNICK, L.; LEVINE, J.; TEASLEY, S. (Ed.). Perspectives on socially shared cognition Washington, DC: American Psychological Association, 1991.

LAVE, J. **The practice of learning**. In: CHAIKLIN, S.; LAVE, J. (Ed.). Understanding practice: perspectives on activity and context. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LAVE, J.; WENGER, E. **Situated learning: legitimate peripheral participation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

MOTHERBOARD. **Cuba's DIY inventions from 30 years of isolation**. YouTube, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v-XS4aueDUg>. Acesso em: 24 abr. 2024.

OROZA, E. Brasília teimosa: a periferia de Havana. [Entrevista concedida a] Laércio Portela. **Marco Zero**, Recife, 19 jun. 2015. Disponível em: <https://marcozero.org/brasil-teimosa-periferia-de-havana>. Acesso em: 20 maio 2023.

OROZA, E. Desobediência tecnológica: de la revolución al revolico. **Ernesto Oroza**, Havana, 6 jun. 2012. Disponível em: <http://www.ernestooroza.com/desobediencia-tecnologica-de-la-revolucion-al-revolico/>. Acesso em: 20 abr. 2023.

**XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024**

REPÚBLICA DE CUBA / FUERZAS ARMADAS REVOLUCIONARIAS. **Com nuestros propios esfuerzos: algunas experiencias para enfrentar el período especial em tiempos de paz.** Havana: Imprensa Central das Forças Armadas Revolucionárias, 1992.

REPÚBLICA DE CUBA / FUERZAS ARMADAS REVOLUCIONARIAS. **El libro de la familia.** Cuba: Editora Verde Oliva, 1991.

WENGER, E. **Communities of Practice: learning, meaning and identity.** New York: Cambridge University Press, 1998.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** Porto Alegre: Bookman, 2001.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do inicio ao fim.** Porto Alegre: Penso, 2016.